

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO QUATRO

AS TREVAS DE SETHANON

Raymond E. Feist





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

Livro 4 – As Trevas de Sethanon: Macros Ressurge	13
Prólogo – Ventos Negros	15
Capítulo 1 – Festival	22
Capítulo 2 – Descoberta	43
Capítulo 3 – Assassinato	62
Capítulo 4 – Embarque	81
Capítulo 5 – Crydee	99
Capítulo 6 – Despedida	120
Capítulo 7 – Mistérios	138
Capítulo 8 – Yabon	164
Capítulo 9 – Prisioneiros	187
Capítulo 10 – Compromisso	213
Capítulo 11 – Descoberta	240
Capítulo 12 – Mensageiros	262
Capítulo 13 – Primeiro sangue	275
Capítulo 14 – Destruição	296
Capítulo 15 – Fuga	326
Capítulo 16 – Criação	348
Capítulo 17 – Retirada	378
Capítulo 18 – Para casa	395
Capítulo 19 – Sethanon	409
Capítulo 20 – Consequências	437
Agradecimentos	462

*Dedico este livro à minha mãe,
Barbara A. Feist,
que não teve um único momento de hesitação.*

LIVRO 4 — AS TREVAS DE SETHANON

MACROS RESSURGE

“Olhai! a Morte edificou seu trono
numa estranha cidade solitária”
Edgar Allan Poe, “A Cidade no Mar”¹

¹ Edgar Allan Poe, “A Cidade no Mar”, in *Poemas e Ensaios*, Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado, São Paulo, Globo, 2009, p. 45.

Prólogo

Ventos Negros

O vento soprava de lugar nenhum. Ganhando vida com o bater do martelo que profere uma sentença, emanava o intenso calor de uma forja que previa uma guerra exaltada e mortes implacáveis. Ganhava vida a partir do centro de alguma terra perdida, emergindo de algum local misterioso entre a realidade e o imaginário. Soprava do sul, do tempo em que as serpentes andavam eretas e falavam uma língua antiga. Enraivecido, cheirava a uma maldade ancestral, que ecoava longas profecias esquecidas. O vento rodopiava em frenesi, girando no vácuo, como se procurasse uma direção, e depois parecia se deter, para então soprar em direção ao norte.

Enquanto costurava, a velha ama murmurava uma cantiga simples que, durante gerações, fora transmitida de mãe para filha. Fez uma pausa para contemplar seu trabalho. As duas crianças dormiam sob sua proteção, com os pequenos rostos serenos enquanto tinham breves sonhos. De vez em quando, os dedos se flexionavam ou os lábios se franziam em movimentos de sucção, para depois sossegarem novamente. Eram bebês lindos, que iriam se tornar bonitos rapazes, disso a ama tinha certeza. Quando atingissem a idade adulta, teriam apenas vagas recordações da mulher que os protegia naquela noite, mas, por ora, pertenciam tanto a ela quanto à própria mãe, que acompanhara o marido em um jantar social. Foi então que

um estranho vento entrou pela janela, causando-lhe um arrepio, apesar do calor. Produzia um ruído que lembrava uma misteriosa e retorcida dissonância, uma quase imperceptível entoação malévola. A ama estremeceu e contemplou os meninos. Eles ficaram inquietos, como se estivessem prestes a despertar aos prantos. A ama foi apressadamente à janela e fechou as venezianas, impedindo a entrada do estranho e perturbador ar noturno. Por instantes, pareceu que o tempo parara, mas depois, como um tênue suspiro, a brisa diminuiu e a noite retornou à tranquilidade. A ama aconchegou o xale em volta dos ombros e os bebês agitaram-se inquietos durante mais uns instantes, até caírem em um sono profundo e sereno.

Em outro quarto, ali perto, um jovem dedicava-se a uma lista, esforçando-se para ignorar seus gostos pessoais enquanto decidia quem deveria escolher para servir em uma pequena cerimônia no dia seguinte. Era uma tarefa que detestava, mas que realizava com destreza. Então o vento empurrou as cortinas da janela para o interior. Instintivamente, o jovem se levantou da cadeira, levando habilmente a mão a um punhal no cano da bota, assim que seu senso de defesa, adquirido nas ruas, alertou-o do perigo. Em posição de combate, permaneceu imóvel, com o coração palpitando, durante muito tempo, com a certeza da iminência de uma luta até a morte, que nunca tivera em toda uma vida repleta de conflitos. Ao perceber que não havia ninguém ali, o jovem foi relaxando aos poucos. O momento passou. Balançou a cabeça, perplexo. Uma estranha inquietação instalou-se em seu estômago enquanto se aproximava lentamente da janela. Permaneceu longos minutos olhando fixamente, através da noite, para o norte, onde sabia que estavam as grandes montanhas, e para além delas, onde um inimigo de forma obscura o aguardava. Os olhos do jovem se estreitaram fitando a escuridão, como que tentando vislumbrar algum perigo à espreita nas trevas. Depois, quando o último resquício de raiva e temor se esvaiu, retornou à sua tarefa. Porém, durante o resto da noite, passou a olhar ocasionalmente pela janela.

Na cidade, um grupo de boêmios perambulava pelas ruas, à procura de outra estalagem e de outros companheiros alegres. O vento soprou entre eles e os fez parar por instantes, trocando olhares. Um deles, um mercenário de pele bronzeada, recomeçou a caminhar, mas logo parou, pensativo. Perdendo subitamente o interesse pela diversão, despediu-se dos companheiros e regressou ao palácio onde morava havia quase um ano.

...

O vento soprou sobre o mar, onde um navio regressava ao porto de origem após uma longa patrulha. O capitão, um velho alto com o rosto marcado e um olho branco, imobilizou-se quando o vento fresco soprou. Estava prestes a dar ordens para baixarem as velas quando seu corpo foi percorrido por um estranho calafrio. Olhou para seu imediato, que havia anos o acompanhava, um homem com a cara cheia de marcas de varíola. Trocaram olhares, mas logo o vento passou. O capitão fez uma pausa, deu ordens para os homens subirem aos mastros, e, após outro instante de silêncio, mandou que se acendessem mais lampiões para iluminar a opressiva escuridão que se fazia sentir.

Mais ao norte, o vento soprou por entre as ruas da cidade, formando pequenos redemoinhos empoeirados que dançavam sobre as calçadas, deslizando sobre o solo com movimentos desconexos. Naquela cidade, viviam homens de outro mundo entre os nativos. Entre as forças da guarnição, um homem do outro mundo lutava com outro criado a menos de um quilômetro do local onde o duelo se travava e faziam-se apostas entre os espectadores. Os dois homens já haviam caído uma vez, e o próximo a ir ao chão seria considerado derrotado. Subitamente, o vento estalou e os dois adversários se detiveram, olhando em volta. A poeira atingiu os olhos dos espectadores e vários veteranos queimados de sol tentaram esconder os calafrios. Sem trocar uma palavra, os dois oponentes abandonaram o combate e aqueles que tinham feito apostas pegaram seus investimentos sem protestar. Os presentes regressaram em silêncio aos seus aposentos e o ambiente festivo do duelo desapareceu antes do vento cortante.

O vento seguiu rumo ao norte até se abater sobre uma floresta onde pequenas criaturas simiescas, delicadas e tímidas, se enroscavam nos galhos, procurando o calor que apenas a proximidade do contato físico podia proporcionar. Mais abaixo, no chão da floresta, estava um homem sentado em postura meditativa. Tinha as pernas cruzadas e descansava os punhos sobre os joelhos, formando, com os polegares e os indicadores, círculos que representam a Roda da Vida à qual todos os seres estão vinculados. Seus olhos se abriram repentinamente assim que sentiu o primeiro contato do enigmático vento, e contemplou o ser sentado diante dele. Um elfo ancião, que revelava apenas os leves traços da idade característicos de sua raça,

contemplou o humano por instantes, captando a pergunta não proferida. Acenou delicadamente com a cabeça. O humano apossou-se das duas armas que estavam ao seu lado. Embainhou o comprido sabre e a adaga na cintura; com um simples aceno de despedida, ele se foi, caminhando entre as árvores da floresta e dando início à sua jornada em direção ao mar. Lá, procuraria outro homem que também era amigo dos elfos, e trataria dos preparativos para o confronto final que em breve começaria. Enquanto o guerreiro seguia caminho rumo à costa, as folhas das árvores sussurravam acima de sua cabeça.

Em outra floresta, folhas também estremeciam, em um ato de simpatia para com aqueles que eram perturbados pela passagem do vento enigmático. Através de um gigantesco abismo de estrelas, ao redor de um Sol amarelo-esverdeado, rodopiava um planeta quente. Nesse mundo, debaixo da calota de gelo do Polo Norte, existe uma floresta gêmea daquela que o guerreiro viajante acabara de deixar. Nas profundezas dessa segunda floresta reunia-se em círculo um grupo de seres contemplados por uma eterna sabedoria. Eles teciam magia. À sua volta, formava-se um tênue e aconchegante brilho, enquanto permaneciam sentados sobre o solo desprotegido, vestindo túnicas imaculadas e ricamente coloridas. Mantinham os olhos fechados, mas conseguiam observar tudo o que precisavam. Um deles, mais antigo do que a memória dos restantes poderia calcular, encontrava-se sentado acima do círculo, suspenso no ar pelo poder do feitiço que juntos haviam tecido. Seus cabelos alvos pendiam-lhe sobre os ombros e eram presos por um simples fio de cobre que ostentava uma pedra de jade à sua frente. Mantinha as palmas das mãos viradas para cima e para a frente, e conservava os olhos fixos em outros olhos, nos de um humano de túnica negra que pairava adiante. O humano era sustentado pelas correntes de energia secreta que formavam uma matriz ao redor, transmitindo sua consciência ao longo dessas linhas, de modo a dominar essa misteriosa magia. O humano de túnica negra sentava-se à sua frente na mesma posição, com as palmas das mãos viradas para cima, mas mantendo os olhos fechados enquanto absorvia os ensinamentos. Acariciou mentalmente o tecido da antiga magia dos elfos e sentiu as energias entrelaçadas de todos os seres vivos da floresta, recebidas e de bom grado oferecidas, nunca forçadas, para o bem da comunidade. Era assim que os Tecedores de Feitiços usavam seus poderes: com delicadeza, mas persistentemente, tecendo fibras com as energias naturais onipresentes em uma

espiral de magia que podia ser utilizada. O homem tocou mentalmente a magia e compreendeu. Compreendeu que seus poderes cresciam além do entendimento humano, assumindo contornos divinos em comparação com o que, em outros tempos, julgara ser o limite de seus talentos. Aprendera muito no último ano, mas sabia que ainda havia muito a ser aprendido. Porém, graças aos ensinamentos que recebera, já dispunha de meios para encontrar outras fontes de conhecimento. Compreendia que os segredos, dominados apenas pelos grandes mestres, eram possíveis: passar entre mundos usando apenas o poder da mente, viajar no tempo, e até mesmo enganar a morte. E, graças a esses conhecimentos, percebeu que um dia descobriria uma maneira de dominar tais segredos, se tivesse tempo suficiente. E o tempourgia. As folhas das árvores ecoavam o farfalhar do vento misterioso ao longe. Quando ambos afastaram a mente da matriz, o homem de negro fitou com seus olhos também negros o ancião que levitava diante dele. Valendo-se do poder da mente, o homem de negro disse: *Tão cedo, Acaila?*

O outro sorriu, e olhos azul-claros se destacaram com uma luz própria, uma luz que, ao primeiro vislumbre, havia assustado o homem de negro. Agora sabia que aquela luz emanava de um poder profundo que se sobrepunha a todos os poderes que conhecera em seres mortais, exceto em um. Mas esse era um poder diferente, não o suntuoso poder do outro, mas antes o brando poder da vida, do amor e da serenidade. Aquele ser era efetivamente uno com todos os que o rodeavam. Fitar aqueles olhos cintilantes era fazer parte de uma mesma entidade, e seu sorriso era reconfortante. No entanto, os pensamentos que atravessavam a distância que os separava enquanto pairavam na direção do solo eram perturbados. *Já se passou um ano. Seria ótimo se tivéssemos mais tempo, porém o tempo não para, e pode ser que já esteja preparado.* Em seguida, com uma textura de pensamento que o homem de túnica negra aprendera que se tratava de humor, acrescentou em voz alta:

— Mas, preparado ou não, é chegada a hora.

Os restantes se levantaram ao mesmo tempo e, durante um instante de silêncio, o homem de negro sentiu suas mentes se unirem à sua, em uma despedida final. Eles o enviariam de volta para onde uma luta estava sendo travada, uma disputa na qual desempenharia um papel fundamental. Porém o enviariam com muito mais do que possuía quando chegara até eles.

Sentiu o último contato e disse:

— Obrigado. Voltarei a um local de onde possa chegar sem demora a meu lar.

Sem dizer mais nada, cerrou os olhos e desapareceu. Os seres que formavam o círculo permaneceram em silêncio por alguns segundos, depois regressaram a seus afazeres. Nos galhos, as folhas continuavam a se agitar; o eco do vento misterioso demorava a desaparecer.

O vento misterioso soprou até chegar a um caminho estreito no cume de um vale, onde um grupo de homens se escondia. Por um breve momento, viraram-se para o sul, como se procurassem a origem daquele vento enigmático e inquietante, depois voltaram a observar as planícies abaixo. Os dois que estavam mais próximos da beirada haviam cavalgado por muito tempo e a toda a velocidade em resposta ao relato de uma patrulha de um posto avançado. Lá embaixo, reunia-se um exército sob estandartes de aspecto ameaçador. O líder, um homem alto, com um tapa-olho preto sobre o olho direito e cujo cabelo começava a ficar branco, estava agachado abaixo do cume.

— A situação é tão grave quanto imaginávamos — sussurrou.

O outro homem, não tão alto quanto ele, porém mais robusto, coçou a barba grisalha ao se agachar ao lado do companheiro.

— Não, é ainda pior — murmurou. — Julgando pelo número de fogueiras, há uma tempestade infernal se formando ali embaixo.

O homem de tapa-olho permaneceu sentado em silêncio durante algum tempo e depois acrescentou:

— Bem, de algum modo, ganhamos um ano. Eu esperava que eles nos atacassem no verão passado. É bom que estejamos preparados, pois agora eles certamente vão atacar. — Deslocou-se ainda agachado até o local onde um homem alto e louro segurava sua montaria. — Você vem?

— Não — o segundo homem respondeu —, acho que vou ficar observando por mais algum tempo. Vendo quantos chegam e com que frequência; assim poderei adiantar com quantos homens ele nos atacará.

O primeiro homem montou o cavalo.

— Que importa? — disse o louro. — Quando ele atacar, virá com todos os que tem disponíveis.

— Acho que simplesmente não gosto de surpresas.

— Quanto tempo? — indagou o líder.

— Dois, três dias no máximo; depois disso, tudo ficará lotado demais.

— Eles certamente têm patrulhas no terreno. Dois dias, no máximo. —

Com um sorriso sinistro, completou: — Vocês não são grande coisa como companheiros, mas, ao fim de dois anos, me habituei a tê-los por perto. Tenham cuidado.

O segundo homem esboçou um largo sorriso.

— O sentimento é recíproco. Vocês bateram tanto neles durante os últimos dois anos que eles adorariam chegar às portas da cidade com suas cabeças espetadas em lanças.

— Isso não vai acontecer — respondeu o homem louro. O sorriso franco contrastava com seu tom de voz, transmitindo uma determinação que os outros dois conheciam bem.

— Sim, é bom que não aconteça. Agora, desapareçam daqui.

A companhia avançou, deixando para trás um cavaleiro para auxiliar o homem robusto em sua vigília. Passado um minuto de observação, ele murmurou em tom brando:

— O que está planejando desta vez, seu cara de pau desgraçado? O que está preparando contra nós neste verão, Murmandamus?

Festival

Jimmy passou pelo corredor, apressado. Os últimos meses haviam sido uma época de crescimento para ele. Seu décimo sexto aniversário seria celebrado no dia do solstício de verão, embora ninguém soubesse sua idade exata. Dezesseis parecia uma boa aposta, embora pudesse estar mais próximo dos dezessete ou até mesmo dos dezoito anos. Sempre tivera porte atlético, seus ombros tinham se alargado e havia crescido quase uma cabeça desde que chegara à corte. Já ostentava uma aparência mais adulta do que juvenil.

Mas algumas coisas nunca mudam e o senso de responsabilidade de Jimmy era uma delas. Embora pudessem confiar nele para tarefas importantes, seu desprezo pelas tarefas do dia a dia mais uma vez ameaçava tornar um caos o tribunal do Príncipe de Kronдор. Presumia-se que ele, como Escudeiro Superior da Corte do Príncipe, fosse o primeiro a comparecer à Assembleia, mas, como de hábito, era mais provável que fosse o último. De algum modo, a pontualidade parecia esquivar-se dele, de maneira que ou chegava tarde demais, ou cedo demais; raramente na hora marcada.

O Escudeiro Locklear encontrava-se à porta do salão menor, utilizado como ponto de encontro dos escudeiros, acenando freneticamente para que Jimmy se apressasse. De todos os escudeiros, apenas Locklear se tornara seu amigo, depois que regressara com Arutha da jornada em busca do Espinho

de Prata. Apesar de sua primeira, e rigorosa, impressão de que Locklear era, em muitos aspectos, uma criança, o filho mais novo do Barão do Limiar da Terra demonstrara certa propensão para a displicência, o que surpreendeu e agradou seu amigo. Independentemente do desleixo com o qual Jimmy elaborava qualquer plano, de maneira geral Locklear concordava com ele. Quando fora apanhado no meio de uma das brincadeiras de Jimmy, que tiravam a paciência dos oficiais da corte, Locklear aceitara o castigo de bom grado, considerando-o o preço justo a pagar por ter sido apanhado.

Jimmy entrou no salão correndo e foi deslizando pelo macio piso de mármore quando tentou parar. Duas dúzias de escudeiros vestidos de verde e marrom formavam duas fileiras organizadas no salão. Ele olhou ao redor, reparando que todos se encontravam em seus respectivos lugares. Ocupou seu lugar no instante em que Brian deLacy, o Mestre de Cerimônias, irrompeu pela porta.

Quando fora nomeado Escudeiro Superior da Corte, Jimmy pensara que o cargo acarretaria apenas privilégios e nenhuma responsabilidade. Sua opinião não tardara a mudar. Embora fosse um cargo modesto, era parte integrante da corte, e, quando não cumpria suas obrigações, era confrontado com o fato mais importante que todos os burocratas de qualquer país ou época conhecem: seus superiores hierárquicos não estão interessados em desculpas, apenas em resultados. Jimmy reunia todos os erros que podem ser cometidos pelos escudeiros. Até o momento, o ano não fora bom para ele.

Com passos calculados, a túnica rubra e negra farfalhando, o alto e digno Mestre de Cerimônias atravessou o aposento e se colocou atrás de Jimmy, tecnicamente seu primeiro assistente, logo abaixo do Mordomo-Mor da Casa Real, mas frequentemente o seu maior problema. Ao lado do Mestre deLacy estavam dois pajens da corte, vestidos com uniformes mesclados de púrpura e amarelo, filhos de plebeus que iriam ser educados para serem criados no palácio, ao contrário dos escudeiros que um dia estariam entre os senhores do Reino Ocidental. O Mestre deLacy bateu distraidamente a bota com revestimento de ferro no chão e disse:

— Consegui chegar antes de mim outra vez, não foi, Escudeiro James?

Mantendo a expressão inalterável, apesar das gargalhadas abafadas que alguns dos rapazes mais atrás na formação deram, Jimmy respondeu:

— Não falta ninguém, Mestre deLacy. O Escudeiro Jerome se encontra em seus aposentos, dispensado devido a uma lesão.

Com uma resignação cansada na voz, deLacy disse:

— Sim, eu ouvi sobre sua pequena desavença ontem no campo de jo-

gos. Não nos alonguemos com suas constantes confusões com Jerome. Recebi outro comunicado do pai dele. Creio que, no futuro, irei me limitar a apenas transmitir esses comunicados a você. — Jimmy tentou manter um ar inocente, mas não conseguiu. — Agora, antes de passar aos casos de hoje, acho adequado salientar uma questão: espera-se que todos vocês se comportem como jovens cavalheiros. Por isso, creio também ser apropriado desencorajar a nova tendência de se fazer apostas naqueles jogos onde a bola supostamente deve entrar em um barril e que são jogados nos Sextos Dias. Entenderam? — A pergunta parecia dirigir-se ao grupo de escudeiros, porém, naquele instante, a mão de deLacy pousou sobre o ombro de Jimmy. — A partir de hoje, acabaram-se as apostas, a menos que seja em algo aceitável, como nas corridas de cavalos, é claro. Para que não restem dúvidas: isto é uma ordem.

Todos os escudeiros murmuraram, concordando. Jimmy acenou solene com a cabeça. Secretamente, sentia-se aliviado por já ter feito sua aposta na partida que se realizaria naquela tarde. Aquele jogo despertara tanto interesse entre o pessoal e a baixa nobreza que Jimmy andava tentando, com afinco, descobrir uma maneira de cobrar entrada. O preço a pagar seria elevado caso Mestre deLacy descobrisse que Jimmy já fizera sua aposta no jogo, mas Jimmy sentia que sua honra fora satisfeita. DeLacy não dissera nada sobre apostas já feitas.

O Mestre deLacy analisou rapidamente o cronograma que Jimmy elaborara na noite anterior. Qualquer que fosse a queixa que o Mestre de Cerimônias pudesse fazer sobre o Escudeiro Superior, nada tinha a reclamar sobre o trabalho do jovem. Todas as tarefas que Jimmy assumia eram devidamente concluídas; o problema normalmente estava em convencê-lo a assumi-las. Depois de atribuir as tarefas da manhã, deLacy acrescentou:

— Quinze minutos antes das duas horas da tarde, nós nos reuniremos nos degraus do palácio. Às duas em ponto, o Príncipe Arutha e sua comitiva chegarão para a Apresentação. Assim que a cerimônia terminar, podem tirar o resto do dia de folga. Por isso, quem tem família na cidade pode se juntar a ela. Mas dois de vocês deverão permanecer a postos para dar apoio aos familiares e amigos do Príncipe. Escolhi os escudeiros Locklear e James para desempenhar essas funções. Os dois se apresentarão imediatamente nos aposentos do Conde Volney. Isto é tudo.

Jimmy permaneceu muito tempo estático em um silêncio mortificado, enquanto deLacy se afastava e a companhia de escudeiros se dispersava. Locklear caminhou até ele e, encolhendo os ombros, disse:

— Bem, que sorte a nossa! Todos podem passear, comer, beber e... — olhou de soslaio para Jimmy, sorrindo — beijar garotas. E nós temos de permanecer com Suas Altezas.

— Eu vou matá-lo — disse Jimmy, libertando sua raiva.

Locklear abanou a cabeça.

— Jerome?

— Quem mais? — Jimmy fez sinal para que seu amigo o seguisse para fora do salão. — Foi ele quem nos dedurou a deLacy sobre as apostas. Foi para se vingar do olho roxo que lhe dei ontem.

Locklear suspirou, resignado.

— Não temos chance de vencer Thorn, Jason e os outros aprendizes se não jogarmos hoje. — Locklear e Jimmy eram os dois melhores atletas da companhia de escudeiros. Apenas Jimmy era mais rápido do que Locklear no uso da espada. Eram os dois melhores jogadores de bola do palácio; e, uma vez impossibilitados de participar do jogo, era quase certo que os aprendizes seriam os vencedores. — Quanto foi que você apostou?

— Tudo — respondeu Jimmy. Locklear estremeceu. Havia meses que os escudeiros reuniam sua prata e seu ouro para aquele jogo. — Bem, como é que eu poderia saber que deLacy viria com essa? Além disso, a julgar por nossas derrotas, a probabilidade de os aprendizes vencerem é de cinco para duas. — Jimmy passara meses calculando a estatística de derrotas no jogo dos escudeiros, antecipando aquela grande aposta. — Pode ser que ainda haja uma solução — ele ponderou. — Pensarei em algo.

— Você não foi pego hoje por um triz. O que foi que o atrasou? — perguntou Locklear, mudando de assunto.

Jimmy sorriu e suas feições se desanuviaram.

— Estava conversando com Marianna. — Depois sua expressão assumiu novamente um ar de repulsa. — Ela ia se encontrar comigo depois do jogo, mas agora temos de aturar o Príncipe e a Princesa.

Outra coisa que mudara em Jimmy no verão anterior fora o fato de ter descoberto as garotas. Subitamente, estar na companhia delas e o que elas pensavam dele passaram a ser fatores essenciais. Considerando sua educação e seus conhecimentos, mormente em comparação com os outros escudeiros da corte, Jimmy parecia muito mais velho. O antigo ladrão passara vários meses se fazendo notar entre as garotas mais jovens que serviam no palácio. Marianna foi simplesmente a última a simpatizar com ele e a ficar maravilhada com aquele jovem escudeiro inteligente, espirituoso e bonito. Seus cabelos castanhos encaracolados, seu sorriso fácil e seus olhos negros

flamejantes eram motivo de preocupação para os pais das várias moças que integravam a equipe de criadas do palácio.

Locklear tentava se mostrar desinteressado, uma atitude que rapidamente se desgastava à medida em que ele próprio se tornava cada vez mais o centro das atenções das garotas do palácio. A cada semana que passava, crescia mais e já parecia ter a mesma altura de Jimmy. Seus cabelos louros, escuros e ondulados, seus olhos de um azul-celeste enquadrados por cílios quase femininos, seu sorriso encantador e seus modos amistosos e simples contribuía para sua popularidade entre as meninas do palácio. Ainda não se habituara à companhia do sexo oposto, pois em sua casa só tinha irmãos, mas a convivência com Jimmy já lhe revelara que as garotas tinham algo a mais do que achava quando vivia em Limiar da Terra.

— Bem — disse Locklear, acelerando o passo —, se deLacy não encontrar um motivo para despedir você, ou Jerome não contratar algum valentão para lhe dar uma surra, algum ajudante de cozinha ciumento ou um pai zangado não hesitará em pentear seu cabelo com um cutelo. Mas nenhum deles terá chance se chegarmos atrasados ao tribunal, pois o Conde Volney não pensará duas vezes para espetar nossas cabeças em estacas. Vamos.

Com uma gargalhada e uma cotovelada nas costelas, Locklear se apressou a percorrer os corredores, seguido de perto por Jimmy. Um velho criado que limpava o pó levantou a cabeça para observar os dois rapazes correndo, e, por um momento, refletiu sobre a magia da juventude. Depois, resignado com o efeito do tempo, retomou seus afazeres.

Os cidadãos aplaudiram quando os arautos começaram a descer os degraus do palácio. Aplaudiram porque, primeiro, seriam governados por seu Príncipe, que, embora tivesse estado distante, era bem respeitado e conhecido por ser imparcial. Aplaudiram porque, além disso, iriam ver a Princesa que tanto adoravam. Ela era um símbolo da continuação da antiga linhagem, uma ligação entre o passado e o futuro. Mas, acima de tudo, aplaudiram porque se encontravam entre os felizardos escolhidos que teriam autorização para comerem da despensa do Príncipe e beberem de sua adega.

O Festival de Apresentação realizava-se trinta dias após o nascimento de qualquer membro da família real. Sua origem ainda permanecia envolta em mistério, mas se achava que os antigos senhores da soberana Rillanon eram obrigados a mostrar ao povo de todas as classes que os herdeiros do trono haviam nascido imaculados. Atualmente, para o povo, era um feriado

de boas-vindas, pois era como se fosse concedido a eles um Festival do Soltício de Verão adicional.

Os acusados de pequenos delitos foram perdoados, as questões de honra foram resolvidas e os duelos, proibidos durante uma semana e um dia após a Apresentação; todas as dívidas contraídas desde a última Apresentação (a da Princesa Anita, havia dezenove anos) foram esquecidas; durante aquela tarde e noite, as classes sociais seriam ignoradas, a plebe e a nobreza comeriam juntas à mesma mesa.

Quando Jimmy ocupou seu lugar atrás dos arautos, compreendeu que sempre havia alguém que precisava estar trabalhando. Alguém tinha de preparar todos os alimentos que seriam servidos, e alguém arrumaria tudo à noite. E ele precisava estar a postos para servir Arutha e Anita caso precisassem. Soltando um suspiro, refletiu novamente sobre as responsabilidades que pareciam encontrá-lo onde quer que se escondesse.

Locklear cantarolava em voz baixa enquanto os arautos assumiam suas posições, seguidos pelos membros da Guarda da Casa Senhorial de Arutha. A chegada de Gardan, Marechal da Corte de Kronдор, e do Conde Volney, na qualidade de Chanceler do Principado, era sinal de que as cerimônias estavam prestes a começar.

O soldado de cabelo grisalho, com uma expressão de quem se divertia estampada no rosto negro, acenou com a cabeça para o corpulento Chanceler, depois fez sinal para que Mestre deLacy iniciasse o protocolo. O bastão do Mestre de Cerimônias bateu no chão e os tocadores de tambor e de trombeta emitiram rufos e floreios. A multidão emudeceu quando o Mestre de Cerimônias voltou a bater com o bastão no chão, e o arauto clamou:

— Escutem! Escutem! Sua Alteza, Arutha conDoin, Príncipe de Kronдор, Senhor do Reino Ocidental, Herdeiro do trono de Rillanon. — A multidão aplaudiu, embora fosse mais uma formalidade do que propriamente um entusiasmo genuíno. Arutha era daquele tipo de homem que inspirava no povo admiração e respeito profundos, mas não afeto.

Um homem alto, esguio e de cabelos negros entrou, trajando vestes marrons de tecidos finos, com um manto vermelho, típico de seu posto, descendo pelos ombros. Fez uma pausa, cerrando os olhos castanhos, enquanto o arauto anunciava a Princesa. Quando a esbelta Princesa de Kronдор se juntou ao marido com os seus cabelos ruivos, o lampejo de felicidade que transpareceu em seus olhos verdes fez com que ele sorrisse, e a multidão começou a ovacionar fervorosamente. Ali estava sua amada Anita, filha de Erland, o predecessor de Arutha.

Embora a cerimônia propriamente dita não fosse muito demorada, a apresentação de todos demorou muito tempo. Um núcleo de nobres e de convidados do palácio tinha direito a apresentação pública. Anunciaram o primeiro par:

— Suas Altezas, o Duque e a Duquesa de Salador.

Um jovem louro e bonito oferecia o braço a uma mulher de cabelos negros. Laurie, antigo menestrel e viajante, atualmente Duque de Salador e marido da Princesa Carline, acompanhou sua bela esposa até o local onde estava o irmão dela. Haviam chegado a Krondor havia uma semana, para visitarem os sobrinhos, e ficariam mais uma semana.

O arauto continuou falando enquanto apresentava os outros membros da nobreza e, finalmente, os convidados de honra, incluindo o Embaixador keshiano. Lorde Hazara-Khan entrou acompanhado por apenas quatro guarda-costas, renunciando à habitual pompa keshiana. O Embaixador vestia-se ao estilo dos homens do deserto de Jal-Pur: um pano cobria-lhe a cabeça, deixando entrever apenas os olhos, e usava um longo manto índigo sobre a túnica branca, as calças enfiadas nos canos das botas que iam quase até seus joelhos. Os guarda-costas vestiam negro da cabeça aos pés.

Ao término das apresentações, deLacy avançou e disse:

— Deixem que o povo se aproxime. — Várias centenas de homens e mulheres de diversas classes, desde o mais desgraçado mendigo até o plebeu mais abastado, reuniram-se nos degraus do palácio.

Arutha proferiu os habituais dizeres da Apresentação:

— Celebra-se, hoje, o tricentésimo décimo dia do segundo ano do reinado do nosso Senhor Rei, Lyam Primeiro. Hoje, apresentamos nossos filhos.

DeLacy bateu com o bastão no chão e o arauto gritou:

— Suas Altezas Reais, os Príncipes Borric e Erland.

A multidão irrompeu em um frenesi de brados e vivas enquanto os filhos gêmeos de Arutha e Anita, nascidos um mês antes, eram apresentados ao público pela primeira vez. A ama escolhida para cuidar dos meninos avançou e entregou-os à mãe e ao pai. Arutha pegou Borric, que recebera o nome em homenagem ao pai dele, e Anita pegou Erland, batizado em homenagem ao pai dela. Os dois bebês suportaram a apresentação em público com graciosidade, embora Erland revelasse sinais de impaciência. A multidão continuou a dar vivas, mesmo depois de Arutha e Anita terem devolvido os filhos à ama. Arutha presenteou a massa que se apinhava ao fundo dos degraus com outro raro sorriso.

— Meus filhos são saudáveis e fortes, nasceram sem qualquer problema. São apropriados para governar. Aceitam-nos como filhos da Casa Real?

A multidão gritou em concordância. Anita espelhou o sorriso do marido. Arutha acenou para o povo.

— Nossos agradecimentos, meu querido povo. Até o banquete. Despeço-me desejando a todos um bom-dia.

A cerimônia terminara. Jimmy apressou-se a se juntar a Arutha, como era sua obrigação, enquanto Locklear se colocou ao lado de Anita. Locklear era formalmente um escudeiro subordinado, porém era tantas vezes destacado para servir a Princesa que frequentemente o tomavam por escudeiro pessoal da soberana. Jimmy suspeitava que deLacy desejava mantê-lo perto de Locklear para que desse modo fosse mais fácil vigiá-los. O Príncipe lançou a Jimmy um meio sorriso distraído, enquanto observava a mulher e a irmã atarefadas com os gêmeos. O Embaixador keshiano retirou o véu tradicional que lhe cobria o rosto e sorriu ao vê-las. Os quatro guarda-costas mantinham-se por perto.

— Vossa Alteza — disse o keshiano — é uma pessoa amplamente abençoada. Bebês saudáveis são uma dádiva dos deuses. E são ambos do sexo masculino.

Arutha estava alegre por contemplar sua esposa, que parecia radiante enquanto observava os filhos nos braços da ama.

— Muito obrigado, Lorde Hazara-Khan. É um prazer inesperado encontrá-lo entre nós este ano.

— O tempo em Durbin está horrível — respondeu absorto, enquanto começava a fazer caretas para o pequeno Borric. Subitamente, recordou-se do posto que ocupava e, assumindo um tom mais formal, acrescentou: — Além disso, Vossa Alteza, temos um pequeno assunto a tratar, relativo às novas fronteiras aqui no Ocidente.

Arutha soltou uma gargalhada.

— No seu caso, meu caro Abdur, pequenos assuntos transformam-se em grandes preocupações. Não tenho muita vontade de me sentar com você outra vez à mesa de negociações. Mas transmitirei a Sua Majestade todas as suas sugestões.

— Aguardarei a vontade de Sua Majestade — disse o keshiano com uma reverência.

Arutha pareceu reparar nos guardas.

— Não vejo seus filhos nem Lorde Daoud-Khan entre os presentes.

— Ficaram encarregados das obrigações de que habitualmente me ocupo entre meu povo em Jal-Pur.

— E estes, quem são? — indagou Arutha, indicando os quatro guarda-costas, vestidos de preto da cabeça aos pés, até mesmo nas bainhas de suas cimitarras; embora seus hábitos em tudo se assemelhassem aos dos homens do deserto, eram diferentes de tudo o que Arutha já vira em um keshiano.

— Estes são izmalis, Alteza. São minha proteção pessoal, nada mais.

Arutha optou por não dizer mais nada quando o aglomerado de pessoas à volta dos bebês pareceu se dispersar. Os izmalis eram famosos como guarda-costas, a melhor proteção disponível para a nobreza do Império do Grande Kesh, mas corriam rumores de que também eram espões altamente especializados e, ocasionalmente, assassinos. Suas capacidades eram quase lendárias. Tinham reputação de conseguirem se aproximar e se afastar de uma pessoa sem serem notados, como se fossem espectros. Arutha não apreciava a ideia de ter entre suas paredes homens que eram praticamente assassinos, mas Abdur tinha direito à sua comitiva; além disso, achava pouco provável que o Embaixador keshiano trouxesse para Krondor alguém que pudesse representar algum perigo para o Reino. Inquieto, Arutha ficou em silêncio.

— Também temos de falar sobre o último pedido de Queg, relativo aos direitos de atracação nos portos do Reino — disse Lorde Hazara-Khan.

Arutha mostrou-se francamente surpreso. Depois, sua expressão ganhou traços de irritação.

— Presumo que um pescador de passagem tenha falado com vocês sobre esse assunto quando desembarcaram nas docas, não?

— Alteza, Kesh tem amizades em muitos lugares — respondeu o Embaixador com um sorriso insinuante.

— Bem, certamente de nada valerá comentar sobre o Corpo Imperial de Espionagem de Kesh, pois ambos sabemos que — Hazara-Khan adiantou-se e disseram em uníssono: — tal organização não existe.

Abdur Rachman Memo Hazara-Khan fez uma reverência e perguntou:

— Vossa Alteza pode me dar licença?

Arutha fez uma ligeira reverência, enquanto o keshiano se despedia, depois se virou para Jimmy.

— O quê? Vocês estão de serviço hoje, seus patifes? — Jimmy encolheu os ombros, indicando que não havia sido ideia sua. Arutha reparou na esposa dando instruções à ama para que levasse os gêmeos para o berçário. —

Ora, devem ter aprontado alguma coisa e deixado de Lacy irritado. Mas não podemos permitir que percam toda a diversão. Parece que haverá um jogo de bola-e-barril especialmente interessante agora à tarde.

Jimmy simulou surpresa, enquanto o rosto de Locklear ficava vermelho.

— Ouvi dizer que sim — disse Jimmy desinteressadamente.

Indicando aos rapazes que o seguissem quando a comitiva começou a se dirigir para o interior, Arutha comentou:

— Então devemos ir assisti-lo, não é? — Jimmy piscou o olho a Locklear. Depois, Arutha acrescentou: — Além disso, se vocês perderem a aposta, não valerão nada quando os outros escudeiros os pegarem.

Jimmy não disse nada enquanto se dirigiam para o Grande Salão e para a recepção dos nobres, antes de darem autorização de acesso aos plebeus para o banquete que seria servido no pátio.

Algum tempo depois, murmurou para Locklear:

— Aquele homem tem o hábito irritante de sempre saber o que está acontecendo.

As celebrações atingiram o apogeu, com nobres se misturando aos plebeus a quem fora concedido o direito de entrar no pátio do palácio. Mesas compridas haviam sido dispostas com alimentos e bebidas, e, para muitos dos presentes, aquela seria a melhor refeição que teriam no ano. Embora as formalidades estivessem sendo ignoradas, os plebeus mantinham o respeito por Arutha e sua comitiva, fazendo pequenas reverências e dirigindo-se a eles de modo formal. Jimmy e Locklear mantinham-se por perto, para o caso de alguém precisar deles.

Carline e Laurie seguiam de braços dados atrás de Arutha e Anita. Desde seu casamento, os novos Duque e Duquesa de Salador haviam se tornado um pouco mais tranquilos, o que contrastava com o conhecido e tempestuoso romance na corte do Rei.

— Muito me alegra o fato de poder ficar tanto tempo — disse Anita, dirigindo-se à cunhada. — No palácio de Kronador, só há homens. E agora, então, com dois rapazes...

— A coisa vai piorar — concluiu Carline. — Fui criada por um pai e dois irmãos, sei bem o que quer dizer.

Arutha olhou para Laurie por cima de um dos ombros e disse:

— Isso só quer dizer que ela foi descaradamente mimada.

Laurie soltou uma gargalhada, mas pensou melhor sobre o comen-

tário que ia fazer quando percebeu os olhos de sua esposa se estreitando sobre ele.

— Da próxima vez, quero uma menina — disse Anita.

— E depois podem mimá-la descaradamente — arriscou Laurie.

— Quando pensam ter filhos? — indagou Anita.

Arutha se virou da mesa trazendo um jarro de cerveja e encheu sua caneca e a de Laurie. Um criado apressou-se a servir copos de vinho às damas.

— Será quando Deus quiser. Não é por falta de tentativas, acredite — respondeu Carline, virando-se para Anita.

Anita escondeu uma risadinha atrás da mão, enquanto Arutha e Laurie trocavam olhares. Carline observou os rostos dos outros e disse:

— Não me digam que ficaram envergonhados? — Virou-se para Anita e acrescentou: — Homens.

— A última mensagem de Lyam dizia que a Rainha Magda talvez estivesse grávida. Creio que teremos certeza quando ele enviar a próxima remessa de mensagens.

— Pobre Lyam, sempre tão interessado nas damas, e teve de se casar por razões de Estado — disse Carline. — Ela é uma mulher decente, ainda que um pouco insípida, mas ele parece bastante feliz.

— A Rainha não é insípida — afirmou Arutha. — Comparado a você, até um esquadrão de cavaleiros queguianos é insípido. — Laurie nada disse, mas seus olhos azuis concordaram com o comentário de Arutha. — Só espero que seja um menino.

Anita sorriu.

— Arutha está ansioso para que outro se torne Príncipe de Krondor.

Carline contemplou o irmão de modo significativo.

— Mesmo assim, as questões de Estado não estariam resolvidas. Agora, com a morte de Caldric, Lyam dependerá mais de você e de Martin do que nunca. — Lorde Caldric de Rillanon falecera pouco tempo depois do casamento do Rei com a Princesa Magda de Roldem, deixando vagos os cargos de Duque de Rillanon, de Chanceler Real e de Conselheiro Principal do Rei.

Arutha encolheu os ombros enquanto escolhia a comida para seu prato.

— Acho que ele não encontrará candidatos para o cargo de Caldric.

— O problema é exatamente esse — interveio Laurie. — Muitos nobres procuram ganhar vantagem sobre seus vizinhos. Tivemos três conflitos dignos de nota entre barões no Oriente. Nada que justifique Lyam enviar seu próprio exército, mas o suficiente para deixar o povo a leste de Cruz

de Malac nervoso. É por esse motivo que Bas-Tyra continua sem duque. Trata-se de um ducado muito poderoso para Lyam entregá-lo a qualquer um. Se você não tiver cuidado, poderá ser nomeado Duque de Krondor ou de Bas-Tyra, se Magda der à luz um menino.

— Basta — disse Carline. — Hoje é dia de festa. Hoje não se fala mais de política.

Anita tomou Arutha pelo braço.

— Vamos. Fizemos uma boa refeição, um festival está prestes a começar e os bebês estão dormindo tranquilamente. Além disso — acrescentou com um sorriso —, amanhã temos de começar a nos preocupar com como vamos pagar este festival e o Festival de Banapis no próximo mês. Hoje, desfrutamos daquilo que temos.

Jimmy conseguiu chegar perto do Príncipe e perguntou:

— Vossa Alteza estaria interessado em assistir a um confronto? — Trocou olhares preocupados com Locklear, pois já passara da hora prevista para o início do jogo.

Anita lançou um olhar questionador ao marido.

— Prometi a Jimmy que iríamos assistir a um jogo de bola-e-barril no qual ele planejou participar hoje.

— Isso deve ser mais divertido do que outro espetáculo de malabaristas e atores — comentou Laurie.

— Você diz isso porque passou a maior parte da vida com malabaristas e atores — interveio Carline. — Quando eu era mais nova, era costume nos sentarmos para ver os rapazes se estapearem em um jogo de bola-e-barril todos os Sextos Dias, enquanto fingíamos que não os víamos. Eu fico com os malabaristas e atores.

— Por que vocês dois não acompanham os rapazes? — adiantou Anita. — Hoje, a informalidade impera. Vamos nos encontrar mais tarde no Grande Salão para assistirmos ao entretenimento da noite.

Laurie e Arutha concordaram e seguiram os rapazes por entre a multidão. Abandonaram o pátio central do palácio e atravessaram uma série de corredores que ligavam o complexo central do palácio a edifícios exteriores. Atrás do palácio existia um enorme campo de treino, perto dos estábulos, onde os guardas do palácio faziam exercícios. Uma enorme multidão se aglomerara, ovacionando intensamente quando Arutha, Laurie, Jimmy e Locklear chegaram. Eles abriram caminho até a frente, afastando os espectadores. Alguns se viraram para reclamar ao serem empurrados, mas, ao avistarem o Príncipe, não voltaram a reagir.

Arranjaram-lhes um lugar atrás dos escudeiros que não jogavam. Arutha acenou na direção de Gardan, que estava do lado oposto do recinto, com um batalhão de guardas que não estavam de serviço.

— Isso, agora, está muito mais organizado do que antes — disse Laurie depois de observar o jogo por algum tempo.

— São coisas do deLacy — emendou Arutha. — Ele elaborou as regras do jogo depois de ter vindo reclamar do número de rapazes que ficavam doloridos demais para conseguirem trabalhar após uma partida. — Então apontou. — Está vendo aquele sujeito com a ampulheta? É ele quem controla o tempo da partida. O jogo agora tem a duração de uma hora. Só podem jogar uma dúzia de rapazes de cada lado, e devem manter-se entre aquelas linhas traçadas a giz no chão. Jimmy, em que consistem as outras regras?

Jimmy estava se preparando, tirando o cinto e a adaga.

— É proibido jogar com as mãos, como sempre — explicou. — Quando um dos lados pontua, recua-se para além do meio do campo e os oponentes podem avançar com a bola. É proibido morder ou agarrar o adversário, e também não são permitidas armas.

— Não são permitidas armas? — indagou Laurie. — Me parece muito inofensivo.

Locklear já havia tirado o casaco e o cinto, e tocou no ombro de outro escudeiro.

— Como está o resultado?

O escudeiro não desviou o olhar da partida. Um rapaz de estrebaria, que levava a bola à sua frente com os pés, levou uma rasteira de um dos colegas da equipe de Jimmy, mas a bola foi interceptada por um aprendiz de padeiro, que habilmente a chutou para um dos dois barris que se encontravam nas extremidades do campo. O escudeiro resmungou:

— Isso os põe à frente por quatro a dois. E faltam menos de vinte e cinco minutos de jogo.

Jimmy e Locklear olharam para Arutha, que acenou com a cabeça. Dispararam em direção ao campo, substituindo dois escudeiros sujos e ensanguentados.

Jimmy recebeu a bola de um dos dois juízes, outra inovação de deLacy, e chutou-a para a linha que dividia o campo. Locklear, que se posicionara precisamente ali, apressou-se a chutá-la novamente para Jimmy, para surpresa dos vários aprendizes que corriam em sua direção. Rápido como um relâmpago, Jimmy passou por eles antes que conseguissem se recuperar do choque, agachando-se para escapar de um cotovelo que mirava sua cabeça.

Chutou a bola para a abertura de um barril. Ela bateu na borda e caiu para fora, mas Locklear esquivou-se do aglomerado e chutou-a novamente. Os escudeiros e um grande número de pessoas da pequena nobreza aplaudiram de pé. Os aprendizes estavam vencendo por apenas um ponto.

Uma pequena discussão teve início e os juízes não tardaram a intervir. Como não houve danos maiores, retomaram o jogo. Os aprendizes avançaram com a bola; Locklear e Jimmy recuaram. Um dos escudeiros mais corpulentos deu um empurrão em um ajudante de cozinha, fazendo com que batesse contra o jogador que conduzia a bola. Jimmy atirou-se à bola como um gato, chutando-a na direção de Locklear. O escudeiro menor conduziu-a habilmente pelo campo afora, passando-a para outro escudeiro, que se apressou a passá-la para trás quando vários adversários correram para ele. Um robusto rapaz de estrebaria passou correndo por Locklear. Em vez de tentar jogar a bola, abaixou a cabeça e arrastou Locklear e a bola para fora da linha lateral. Uma briga irrompeu e os juízes, depois de separarem os envolvidos, ajudaram Locklear a se levantar. O rapaz estava abalado demais para continuar e foi substituído por outro escudeiro. Como os dois adversários estavam fora dos limites do recinto, o juiz considerou que a bola não pertencia a nenhuma das equipes e lançou-a para o centro do campo. Os jogadores dos dois lados tentaram recuperá-la em meio a uma confusão de cotovelos, joelhos e punhos.

— Assim é que este jogo deve ser jogado — comentou Laurie.

Subitamente, um rapaz de estrebaria libertou-se, e não havia ninguém entre ele e o barril dos escudeiros. Jimmy correu velozmente atrás dele e, ao perceber que não conseguiria interceptar a bola, atirou-se contra o rapaz, repetindo a técnica que fora usada em Locklear. O juiz voltou a declarar que a bola não pertencia a nenhuma das equipes e outra briga tomou o meio do campo.

Então um escudeiro chamado Paul ganhou a posse da bola e começou a conduzi-la em direção ao barril dos aprendizes com uma destreza inesperada. Dois imponentes aprendizes de padeiro interceptaram-no, mas ele conseguiu passar a bola segundos antes de o derrubarem. A bola acabou indo para o escudeiro Friederic, que a passou para Jimmy. Ele esperava outro ataque dos aprendizes, mas ficou surpreso ao constatar que recuavam. Tratava-se de uma nova tática, que visava contrapor os passes rápidos que Jimmy e Locklear tinham imposto ao jogo.

Os escudeiros, ao lado das linhas laterais, gritavam palavras de encorajamento.

— Agora só faltam alguns minutos — gritou um deles.

Jimmy fez sinal para que Friederic se posicionasse a seu lado, gritou rápidas instruções e depois arrancou. Fez um movimento para a esquerda e depois passou a bola novamente para Friederic, que recuou para o meio-campo. Jimmy seguiu para a direita e depois recebeu um passe bem direcionado que Friederic fizera na direção do barril. Esquivou-se do carrinho de um adversário e chutou a bola para dentro do barril.

A multidão aplaudiu em reconhecimento, pois aquela partida trazia algo de novo ao jogo: tática e habilidade. No que sempre fora um jogo duro, a precisão fora adicionada.

Houve, então, mais uma briga. Os juízes apressaram-se a encerrá-la, mas os aprendizes relutavam implacavelmente em pôr fim à confusão. Virando-se para Laurie e Arutha, Locklear, cujos ouvidos tinham deixado de zunir, disse:

— Estão tentando impedir que o jogo prossiga até acabar o tempo. Sabem que vamos ganhar se tivermos outra oportunidade de pegar a bola.

Finalmente, a ordem foi imposta. Locklear achou que estava apto a regressar e substituiu um rapaz que se lesionara na briga. Jimmy fez sinal para que seus escudeiros recuassem, murmurando rápidas instruções para Locklear, enquanto os aprendizes traziam lentamente a bola para a frente. Tentaram realizar os passes feitos por Jimmy, Friederic e Locklear, mas demonstraram pouca destreza. Por duas ocasiões, quase chutaram a bola para fora das quatro linhas antes de recuperarem o controle dos passes extraviados. Foi então que Jimmy e Locklear atacaram. Locklear fingiu investir contra o que conduzia a bola, obrigando-o a passá-la, depois correu a toda a velocidade em direção ao barril. Jimmy seguiu-o de perto, e os outros, agindo com cautela, conseguiram deter o passe mal direcionado, chutando a bola para Locklear. O rapaz menos corpulento recebeu o passe e partiu para o barril. Um defensor tentou impedi-lo, mas não conseguiu agarrar o escudeiro, que era mais veloz. Foi então que o aprendiz tirou algo de dentro da camisa e arremessou contra Locklear.

Aos espectadores atônitos, pareceu que o rapaz simplesmente caiu de cara no chão e a bola transpôs a linha lateral. Jimmy correu até seu colega, depois levantou-se subitamente e correu atrás do rapaz que estava tentando trazer a bola de volta para o campo. Sem qualquer pretensão de retomar o jogo, Jimmy bateu no rosto do aprendiz, fazendo-o tombar para trás. Iniciou-se outra briga, mas dessa vez vários aprendizes e escudeiros dos dois lados juntaram-se à confusão.

— A coisa pode ficar feia. Acha que devo intervir? — perguntou Arutha a Laurie.

Laurie percebeu que a briga aumentava de intensidade.

— Sim, se quer ter algum escudeiro inteiro para o serviço de amanhã.

Arutha fez um sinal a Gardan, que ordenou a alguns soldados que entrassem em cena. Os guerreiros bronzeados não tardaram a repor a ordem. Arutha atravessou o recinto de jogo e ajoelhou-se ao lado do local onde Jimmy estava sentado, embalando a cabeça de Locklear no colo.

— O imbecil acertou a nuca dele com uma ferradura. Ele está desmaiado.

Arutha observou o rapaz caído; depois, virou-se para Gardan e ordenou:

— Leve esses garotos para seus aposentos e chame o cirurgião para examinar este aqui. O jogo acabou — afirmou, virando-se para o homem que controlava o tempo. Jimmy parecia prestes a protestar, mas depois achou melhor não fazê-lo.

— A partida está empatada em quatro a quatro. Não há vencedores — proclamou o homem que controlava o tempo.

— Pelo menos, também não há perdedores — disse Jimmy, soltando um suspiro.

Dois guardas levantaram Locklear e o levaram embora.

— Continua a ser um jogo muito violento — disse Arutha, virando-se para Laurie.

O antigo menestrel aquiesceu com a cabeça.

— DeLacy deve elaborar mais algumas regras antes que comecem a quebrar cabeças.

Jimmy voltou ao local onde deixara a túnica e o cinto, enquanto a multidão se dispersava. Arutha e Laurie o seguiram.

— Qualquer dia, tentamos outra vez — disse o jovem.

— Seria interessante — concordou Arutha. — Agora que já conhecem seu truque, estarão de sobreaviso.

— Nesse caso, teremos de inventar outra coisa.

— Bom, sendo assim, acho que valeria a pena marcar uma data. Digamos, dentro de uma ou duas semanas. — Arutha pousou a mão sobre o ombro de Jimmy. — Acho que vou dar uma olhada nas regras do deLacy. Laurie tem razão. Se vão correr de maneira aleatória por todo o campo, não podemos permitir que atirem ferraduras uns nos outros.

Jimmy pareceu perder o interesse pelo jogo. Algo no meio da multidão despertara sua atenção.

— Está vendo aquele sujeito ali? Aquele de túnica azul e chapéu cinzento?

O Príncipe olhou na direção indicada.

— Não.

— Ele se agachou exatamente quando Vossa Alteza se virou. Mas eu o conheço. Posso investigar?

Havia algo no tom de voz de Jimmy que deixava claro que aquilo não era outro plano para se esquivar de suas obrigações.

— Vá. Mas não demore muito. Laurie e eu vamos regressar ao Grande Salão.

Jimmy correu para o local onde avistara o sujeito pela última vez. Parou e olhou ao redor, depois avistou a silhueta familiar ao lado de uma escadaria estreita que dava para uma entrada lateral. O homem estava encostado na parede, oculto por sombras, comendo de um prato. Só levantou o olhar quando Jimmy se aproximou.

— Ora, aí está você, Jimmy, a Mão.

— Não atendo mais por esse apelido, Alvarny, o Veloz. Agora sou o Escudeiro James de Krondor.

O antigo ladrão riu entre dentes.

— Também não atendo mais por esse apelido. Embora eu fosse realmente veloz no meu tempo. — Baixando a voz para que mais ninguém conseguisse ouvi-lo, acrescentou: — Meu amo envia uma mensagem para o seu. — Jimmy percebeu imediatamente que algo de grave estava acontecendo, pois Alvarny, o Veloz, era o Mestre Diurno dos Zombadores, a Guilda dos Ladrões. Não era um simples andarilho errante, mas um dos colaboradores mais graduados e de maior confiança do Justo. — Não tenho nada escrito, mas meu amo diz que as aves de rapina, que todos pensavam que tinham abandonado a cidade, regressaram do Norte.

Jimmy sentiu um calafrio no estômago.

— Aquelas que caçam à noite?

O ladrão já velho concordou com a cabeça enquanto enfiava uma pasta amarronzada na boca. Fechou os olhos por um instante e soltou um som de satisfação. Depois, fitou Jimmy fixamente, estreitando os olhos enquanto falava:

— Lamento que tenha nos deixado, Jimmy, a Mão. Você era promissor. Poderia ter ido longe entre os Zombadores se conseguisse evitar que cor-

tassem sua garganta. Mas, como se diz, são águas passadas. Vamos nos ater ao tema da mensagem. Encontraram o jovem Tyburn Reems boiando nas águas da baía. Em alguns locais próximos dali, os contrabandistas costumavam fazer suas negociações; um desses locais é de pouca importância para os Zombadores e, por isso, é negligenciado. Pode ser que seja lá o covil das tais aves. É isso, não tenho mais nada a acrescentar. — Sem proferir outra palavra, Alvarny, o Veloz, Mestre Diurno dos Zombadores e antigo chefe dos ladrões, dirigiu-se vagarosamente para a multidão, sumindo entre os cidadãos.

Jimmy não hesitou. Correu velozmente para o local onde deixara Arutha poucos minutos antes e, como não o encontrou, encaminhou-se para o Grande Salão. A multidão que se apinhava diante do palácio o impediu de avançar com rapidez. Ver os corredores cheios de rostos desconhecidos deixou Jimmy subitamente alarmado. Nos meses desde que ele e Arutha haviam regressado de Moraelin com o Espinho de Prata para curar Anita, tinham permanecido envolvidos pela vida normal no palácio. Subitamente, o jovem via a adaga de um assassino em cada mão, veneno em cada copo de vinho, e um arqueiro em cada sombra. Passando com dificuldade entre os comensais, seguiu apressadamente seu caminho.

Jimmy passou como uma flecha por entre o aglomerado de nobres e outros convidados menos distintos no Grande Salão. Perto do palanque, juntava-se um grupo de pessoas absortas em conversas. Laurie e Carline conversavam com o embaixador keshiano, enquanto Arutha subia os degraus para o trono. Um grupo de acrobatas executava seu número com destreza no centro do salão, obrigando Jimmy a contornar a clareira que formavam, enquanto dezenas de cidadãos assistiam à cena maravilhados. Ao se deslocar pelo emaranhado de pessoas, Jimmy olhou para cima, para as janelas do salão, onde as profundas sombras de cada cúpula o assombravam com recordações. Sentia-se imensamente desgastado. Acima de qualquer outra pessoa, ele deveria saber as ameaças que podiam ser ocultadas em tais lugares.

Jimmy passou apressadamente por Laurie e chegou até onde Arutha estava quando o Príncipe já se sentava no trono. Não avistava Anita em lugar algum. Olhou rapidamente para o lugar que ela deveria ocupar e fez um sinal interrogativo com a cabeça.

— Ela foi ver como estão os bebês. Por quê? — perguntou Arutha.

Jimmy debruçou-se sobre Arutha.

— Meu antigo senhor enviou uma mensagem. Os Falcões Noturnos regressaram a Krondor.

A expressão de Arutha tornou-se sombria.

— É uma especulação ou uma certeza?

— Em primeiro lugar, o Justo não enviaria quem enviou se considerasse que o assunto não é sério e que precisa de uma rápida solução. Expôs um dos Zombadores mais graduados. Em segundo lugar, há, ou melhor, havia, um jovem trapaceiro que atendia pelo nome de Tyburn Reems e que costumava perambular pela cidade. Usufruía de isenções especiais dos Zombadores. Permitiam que ele fizesse coisas a que poucos de nossa guilda tinham direito. Agora, entendi o motivo. Ele era um agente pessoal de meu antigo amo. Reems está morto. Creio que o Justo foi alertado sobre a possibilidade do regresso dos Falcões Noturnos e mandou Reems descobrir o paradeiro deles. Eles estão novamente escondidos em algum lugar da cidade. Onde, exatamente, o Justo não sabe, mas suspeita que seja nos arredores do antigo reduto dos contrabandistas.

Enquanto falava com o Príncipe, Jimmy olhava ao redor do salão. Quando finalmente olhou para ele, ficou sem fala. O semblante de Arutha era uma máscara rígida de raiva controlada, a ponto de lhe deformar o rosto. Alguns dos presentes se viraram para observá-lo.

— Então a coisa vai recomeçar? — perguntou a Jimmy em um murmúrio dissonante.

— Parece que sim — respondeu Jimmy.

Arutha levantou-se.

— Não me tornarei um prisioneiro em minha própria casa, com guardas em cada janela.

Os olhos de Jimmy vasculharam o salão para além do ponto onde a Duquesa Carline fascinava o embaixador keshiano.

— Isso é ótimo, mas hoje é um dia em que sua casa está repleta de desconhecidos. O bom senso recomenda que se retire mais cedo para seus aposentos, pois, se algum dia houve uma oportunidade de ouro para alguém se aproximar de você, esse dia é hoje. — Seus olhos pulavam de um rosto para outro, em busca de algum sinal. — Se os Falcões Noturnos estão novamente em Krondor, certamente estão neste salão ou a caminho, enquanto a noite cai. Pode ser que os encontre ao ir daqui para seus aposentos.

Subitamente, Arutha arregalou os olhos.

— Meus aposentos! Anita e os bebês!

O Príncipe começou a correr, ignorando os rostos exasperados à sua

volta, com Jimmy logo atrás. Carline e Laurie perceberam que algo de errado estava acontecendo e os seguiram.

Em poucos instantes, dezenas de pessoas seguiam o Príncipe pelo corredor. Gardan observara a saída apressada e juntou-se a Jimmy.

— O que aconteceu?

— Falcões Noturnos — respondeu Jimmy.

O Marechal da Corte de Kronдор não precisava ouvir mais nada. Agarrou pela manga o primeiro guarda que viu no salão e indicou a outro que os seguisse.

— Chame o Capitão Valdis e mande-o vir falar comigo — ordenou ao primeiro.

— Onde ele deve encontrá-lo, senhor? — indagou o soldado.

Gardan afastou-o com um empurrão.

— Diga a ele para nos procurar.

Enquanto seguiam apressadamente, Gardan reuniu cerca de uma dúzia de soldados para o acompanharem. Quando Arutha chegou à porta de seus aposentos, hesitou por um instante, como que receoso do que poderia encontrar lá dentro.

Depois de abrir a porta, deparou-se com Anita sentada ao lado dos berços onde os seus filhos dormiam. Ela ergueu o olhar e seu semblante assumiu prontamente uma expressão de alarme.

— O que aconteceu? — Anita perguntou, dirigindo-se ao marido.

Arutha fechou a porta às suas costas, indicando a Carline e aos outros que esperassem lá fora.

— Nada, por enquanto. — Fez uma pausa. — Quero que vá fazer uma visita à sua mãe com os bebês.

— Ela ficaria muito feliz — respondeu Anita, mas seu timbre de voz deixou claro que sabia que havia algo mais do que lhe fora revelado. — Ela já venceu a doença, embora ainda não se sinta com forças para viajar. Vai ficar maravilhada. — Em seguida, fitou Arutha com um olhar inquisidor. — E estaremos mais protegidos na pequena propriedade dela do que aqui.

Arutha sabia que de nada adiantava tentar esconder algo de Anita.

— Sim. Temos de nos preocupar outra vez com os Falcões Noturnos.

Anita aproximou-se do marido e encostou a cabeça em seu peito. A última tentativa de assassinato quase lhe roubara a vida.

— Não receio por mim, mas os bebês...

— Partirão amanhã.

— Tratarei dos preparativos.

Arutha beijou-a e encaminhou-se para a porta.

— Volto logo. Jimmy aconselha que não saíamos dos aposentos enquanto o palácio estiver repleto de desconhecidos. Um bom conselho, mas devo me manter em público durante mais algum tempo. Os Falcões Noturnos não sabem que estamos cientes de seu regresso. Não podemos permitir que percebam, ao menos, não agora.

— Jimmy continua querendo ser o Conselheiro Principal do Príncipe?
— disse Anita, encontrando disposição para rir em meio ao terror.

Arutha sorriu ao ouvi-la.

— Há quase um ano que não diz nada sobre ser nomeado Duque de Krondor. Por vezes, acho-o mais apto para ocupar esse cargo do que muitos dos outros que provavelmente vão assumi-lo.

Arutha abriu a porta e encontrou Gardan, Jimmy, Laurie e Carline à espera. Os outros tinham sido afastados por uma companhia da Guarda da Casa Real. O Capitão Valdis aguardava ao lado de Gardan.

— Capitão, pela manhã, quero um batalhão completo de lanceiros preparados para avançar — ordenou Arutha. — A Princesa e os Príncipes vão se deslocar até as propriedades da mãe da Princesa. Você deve protegê-los bem.

O Capitão Valdis bateu continência e voltou-se para dar ordens. Arutha virou-se para Gardan e ordenou:

— Comece a posicionar lentamente homens por todo o palácio e esquadrinhe todos os possíveis esconderijos. Se alguém perguntar por mim, diga que Sua Alteza, a Princesa, está indisposta e que estou fazendo companhia a ela durante algum tempo. Em breve, regressarei ao Grande Salão. — Gardan acenou com a cabeça e afastou-se. — Quero que transmita um recado meu — disse Arutha, dirigindo-se a Jimmy.

— Partirei imediatamente.

— O que acha que vai fazer? — indagou Arutha.

— Ir às docas — respondeu o rapaz com um sorriso sinistro.

Arutha acenou com a cabeça, novamente feliz e surpreso com a perspicácia do rapaz.

— Sim, procure a noite inteira, se for preciso. Mas, assim que for possível, encontre Trevor Hull e o traga até mim.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br